

“O PSIQUIATRA CONSIDERA A FILOSOFIA”

(Entrevista de **REFLEXÃO** com o Dr. Roberto Pinto de Moura, nome sobremodo considerado da Psiquiatria em Campinas, Professor de Psicologia Dinâmica do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.)

Uma vez feitos os entendimentos por telefone, o Dr. Roberto Pinto de Moura consentiu em receber a Revista REFLEXÃO em sua agradável residência, para uma entrevista que pretendia investigar “até que ponto o filosofar, o refletir se constitui em algo necessário para o desempenho do seu trabalho psicoterápico” que, é sabido, situa-se como dos mais conscientes e sérios, em nossa sociedade.

À branda luz da tarde de 30 de agosto, ouvia-se Arturo Rubinstein interpretando prelúdios de Chopin. Combinavam-se, na sala vasta em que esperávamos o médico e amigo, uma sábia simplicidade com um bom gosto sensibilizante.

Em poucos minutos, eis conosco o Dr. Roberto, em trajos bem caseiros e descontraídos, oferecendo-nos aquele sorriso no qual se pode descobrir tudo: camaradagem, sobriedade, crença no “momento humano” e a profunda experiência dos descaminhos que tipificam o homem do nosso tempo, na sua luta com os próprios enigmas. “Eu estava ouvindo este Chopin enquanto ia corrigindo umas provas, sabe? gosto muito desse velhinho (Rubinstein), da técnica ágil com que ele toca”: praticamente assim se abriu a prosa, que não foi longa mas teve profundidade. Por duas razões não foi longa: Primeiramente, porque o Dr. Roberto Pinto de Moura, em mais uma manifestação de sua seriedade intelectual, solicitou levássemos por escrito as perguntas que quiséssemos fazer-lhe; ele as responderia após meditar o suficiente. Depois, porque, nas tardes de sábado, alguns vizinhos se reúnem com o psiquiatra e família, para leituras conjuntas dos clássicos da Literatura. Fomos gentilmente convidados a participar da leitura daquela tarde, que seria o “Macbeth”, convite

do qual declinamos a fim de que não fossem quebradas a unidade e a intimidade do grupo.

Mas antes de que nos retirássemos, conversamos sobre música popular brasileira (algo que se centraliza no gosto daquele médico), assim como sobre poesia e teatro. Chegamos mesmo a tomar conhecimento de alguns experimentos do Dr. Roberto no campo da Literatura (contos, sobretudo), os quais, ao que nos pareceu, não foram publicados — certamente que pela modéstia do nosso entrevistado. De nossa conversa, ficou a imagem simpática daquele homem simples em sua postura perante a vida, mas rigoroso em suas atividades e com seus deveres.

A ENTREVISTA

Seguem-se as perguntas de REFLEXÃO, respondidas por nosso entrevistado.

REFLEXÃO — Acredita que alguém esteja dispensado de filosofar ? (de refletir, segundo as próprias possibilidades ?). Queira explicar-nos sua resposta.

DR. ROBERTO — Ninguém, exceto, naturalmente, os organicamente incapazes, está dispensado de filosofar. Refletir é a máxima prerrogativa do ser humano. De que outra maneira pode o Homem dirigir-se bem, realizando aquele progresso espiritual para o qual parece possuir, a espécie, uma tendência inata, se, a cada passo, e ao máximo possível, não se tornar plenamente consciente do que se passa dentro de si e no seu exterior ? Num manual de Filosofia, de Garcia Morente, li que o homem que diz não ser filósofo é um mau filósofo. Mesmo que não se aperceba disso, em cada um dos seus atos deve estar implícito um conceito. O mal é que quanto mais obscuro esteja esse conceito, implícito em cada ato humano, menos passível estará de ser elaborado e “filosofado”, passando pelo filtro do raciocínio. Daí a necessidade de se estimular, desde muito cedo, a capacidade de pensar, de cada ser humano organicamente apto para isso, universalizando-se o direito (e o dever) de raciocinar-se, pondo-se à disposição de todas as informações das ciências e as regras metódicas para se chegar à Verdade.

Freud nos mostrou os malefícios de uma “educação” baseada apenas na repressão, descoberta por Breuer, e entendida como a manutenção dos desejos e impulsos (e de suas proibições) em nível inconsciente. Se outros benefícios não tivessem advindo à humanidade do uso que Freud fez de sua capacidade de pensar, bastaria este. Educar é ensinar a refletir. É conscientizar.

Quando abrimos nossas janelas para o mundo, estão aí, diante de nossos olhos, as provas, tanto de como vale a pena aprender a refletir, como dos males que advêm, de um mau uso do pensamento...

Infelizmente, a muito poucos homens se fornecem as condições de pensar, o que não é apenas uma decorrência das dificuldades dos governos em socializar o saber, mas muitas vezes de uma intenção, clara ou oculta, de certos governantes, que, assim, mais facilmente exercem o seu mando, bem como de grupos sociais que, deste não-pensar das massas, auferem maior domínio sobre elas e maiores lucros financeiros. Haja vista o que se faz hoje com todo o povo, especialmente com parte dele (a juventude) estimulando-se-lhe ao máximo o prazer sexual, a agressividade, a alegria, a conação ou atividade. Já que o agir tende a diminuir o pensar, e que os atos são um meio de descarga à energia dos sentimentos, as pessoas são infatigavelmente concitadas à musculação, ao grito, ao riso, à movimentação veloz, ao prazer, para... não pensarem. Por outro lado, o raciocínio exige sacrifícios, pode mesmo trazer sofrimento, e as conclusões, muitas vezes, apontam o caminho da renúncia e da contenção... Daí, creio, um dos fatores da automática e passiva aceitação, pelas massas, daquilo que se lhes joga, através das grades invisíveis de suas gaiolas. Porque o animal-homem é uma contradição consigo mesmo, sendo racional, mas também irracional, e ao mesmo tempo cultural, mantém certa aversão instintiva ao pensamento, na medida em que este tanto se pode aliar, como opor-se a seus impulsos biológicos. Expressivo dessa ambivalência, é o fato de inúmeros nomes, que povoam nossas bibliotecas, pertencerem a pensadores que terminaram suas vidas luminosas na forca, na cruz, nos paredões, nas enxovias, nas fogueiras, no exílio, na marginalização social...

REFLEXÃO — A defrontação com a PESSOA, requer, em sua especialização, que disposições psíquicas e intelectuais ?

DR. ROBERTO — Em primeiro lugar, o pensamento constante, e o sentimento de que se está diante de uma PESSOA. A Psiquiatria encontra sua primeira grande limitação no fato de o seu campo de pesquisa

situar-se na pessoa do outro ser humano, cuja integridade, física ou espiritual, ele deve ajudar a conservar-se ou a restabelecer-se e que não pode, por ele, ser posta em risco. Isso, além da peculiar complexidade do objeto de pesquisa (que exige a criação de técnicas especiais) levou muitos pesquisadores a buscar conhecimentos sobre o psiquismo humano em outros animais, inferiores (mas também portadores de cérebro) e eles se esqueceram de que tais experimentos, se podem trazer a luz a respeito de alguns aspectos da vida humana, estão longe de explicar **todo-o-homem**, que eles reduziram, de pessoa, a camundongo ou macaco.

Outro aspecto, advindo da consideração da PESSOA, é que as técnicas destinadas ao atingimento das metas da Psiquiatria (que são o conhecimento do psiquismo sadio e do mórbido, bem como da melhor maneira de dar alívio ao sofrimento espiritual e ajustar o Homem à sua sociedade) muitas vezes são abandonadas ou pervertidas, passando a atividade a servir mais aos interesses pessoais do pesquisador, ligados a sua atuação profissional e ao que dela deseja obter, como alimento para o seu "status" ou progresso econômico. Outras vezes, o desejo obsessivo, de seguir determinada técnica, leva a um tecnicismo alienante, a ênfase agora posta no método, que, de meio, passa a **fim**.

Dentre as qualidades que deve ter um psiquiatra, a mais importante, a fundamental é a capacidade de empatizar-se com o outro, amá-lo e respeitá-lo como PESSOA, fazendo tudo que for necessário para ajudá-lo nas suas dificuldades a viver em harmonia com o mundo e consigo mesmo. Quem estiver mais interessado em servir-se da profissão ou do doente, movido apenas por seu egocentrismo narcísico, não deve adentrar a obscura selva da Psiquiatria. O paciente precisa encontrar em nós um caráter isento dos defeitos que ponham em risco a sua integridade e a sua dignidade humana, mesmo porque, para curar-se, tem que expor-nos o que possui de mais intimamente seu, em toda a sua nudez, e esse despir-se tem, como premissa, uma relação afetiva com o terapeuta, a que chamamos **transferência**, tendendo a repetir-se, com o psiquiatra, o relacionamento que o indivíduo teve com as pessoas que mais amou (pais ou prepostos). Dessa forma, de mistura com a pessoa adulta, que tratamos, está a criança que ela foi, pronta a repetir, em nosso consultório, o que de mais marcante existiu, em seu passado. Em outro extremo oposto ao dos vorazes e cúpidos, estão os em que o amor ao semelhante se encontra em excessiva intensidade, a ponto de se darem ao seu doente mais do que é necessário, ou em quererem fazê-lo mais do que é possível, e, com isso, ajudam a doença e não o doente, entregues a uma ansiedade que chamamos "furor sanandi", que pode resultar também de uma exigência ou ambição de onipotência. O Psiquiatra tem

de ser, diante do seu paciente, um modelo, que o ajude, cada vez mais, a implantar, em seu comportamento, o que Freud chamou de Princípio de Realidade, e, por isso, além de outros aspectos, deve ser portador de razoável equilíbrio mental...

Outro requisito importante para um Psiquiatra, especialmente quando se dedica à psicoterapia, é possuir grande sensibilidade. A par de uma boa capacidade de raciocinar, ele deve ser capaz de **sentir**, de vibrar emocionalmente com o que lhe comunica o seu paciente, e deve buscar todos os meios de alimentar tal sensibilidade, não só de submetendo-se ele próprio a tratamento psicológico, mas também mantendo um permanente contacto com as produções humanas no terreno da música, artes plásticas, teatro, literatura. Deve procurar erudição, a maior possível em relação aos dados das chamadas Ciências Humanas, todas elas, além da Psiquiatria e da Psicologia (Antropologia, Sociologia, Política, Economia...). Finalizando, quero voltar ao requisito do tratamento psicológico, a que se deve submeter o Psiquiatra, cuja vantagem maior é a obtenção de autoconhecimento, não só para conseguir bem-estar pessoal e mais facilmente trilhar no rumo certo, pela vida, mas também de assim se tornar mais fácil, para ele, a percepção dos problemas dos outros seres humanos.

REFLEXÃO — Como cidadão estudioso, como veria a presença de disciplinas filosóficas em quaisquer cursos universitários ? (Desde a área de Exatas e Naturais, até a área de Artes e outras.)

DR. ROBERTO — Como uma necessidade. Talvez a presença da Filosofia devesse ser diversificada, não se fazendo necessariamente, em todos os cursos, um estudo metódico dos problemas filosóficos e das correntes doutrinárias. Em cada Faculdade deveria haver, pelo menos, estudos relativos a partes da Filosofia mais relacionadas com a atividade profissional a que se destinam seus estudantes. Mas em todos, dever-se-ia estimular a atividade de **pensar**, especialmente para fazer o aluno **sentir** que os conhecimentos, que lhe são ministrados para o exercício de sua profissão, podem ser bem ou mal aplicados na vida em sociedade. As Faculdades não deveriam cingir-se a fornecedoras de conhecimentos e de técnicas, mas em centros vivos de Humanismo, em que, embora estudando Ciências Exatas, o aluno fosse estimulado a sentir-se **gente humana**, e a pensar que a ciência que adquire se destina ao bem-estar de seus semelhantes. Devia ser, assim, estimulada a formação de grupos, para discussão dos grandes problemas humanos, a fim de

que o Homem se conscientizasse, cada vez mais, de suas próprias vicissitudes. Mas será viável isso, na era do desprestígio das Ciências Humanas, de enaltecimento das Exatas, na era dos "tests" analfabetizantes e dos livros bitoladores de instrução programada, que concitam à decoração e ao desuso da inteligência ?

REFLEXÃO — Estima, em especial, algum pensador ou corrente de pensamento ? Em caso positivo, qual ? Faria a fineza de dizer-nos por quê ?

DR. ROBERTO — Por razões que não vêm ao caso não pude freqüentar filósofos e pensadores em geral, como deveria tê-lo feito, não valendo, portanto, o que vem a seguir, como uma seleção, baseada no conhecimento de todos. Mas, do que pude ler, tenho minhas preferências. Por ordem cronológica, vem em primeiro lugar, Sócrates cuja figura se engrandece, não só por ter selado, com o selo do martírio, o seu amor à verdade e aos semelhantes, mas pelo seu esforço em racionalmente, perscrutar o caminho do Bem, e pela sua recomendação de que o Homem se conhecesse a si próprio, além de conhecer o restante da Natureza. Não se dedicou a um filosofar estéril, que apenas lhe realçasse a figura inteligente, mas tentou mostrar a importância do conhecimento, para o bem-viver, equivalendo o Mal e a ignorância, o Bem e a sabedoria. Depois, Aristóteles, o lúcido. Colocou ordem nos conhecimentos humanos (muitos deles descobertos por ele) sistematizou-os, e, pairando acima desse caos por ele ordenado, disse o "Fiat" de que vieram a nascer as ciências, cimentadas, em seus alicerces, pelo compromisso da Mente com a sua Lógica, e pela separação dos problemas físicos e metafísicos, Tordesilhas que delimitou o território pertencente aos filósofos e pensadores religiosos de um lado, e o dos homens de ciência de outro. Depois Cristo, que colocou como o pilar maior de sua ética o amor ao semelhante, ideal que, se fosse atingido, sanaria todos os males que advêm do egoísmo humano. A seguir, todos os pensadores que, desde antes da Revolução Francesa, lutaram pelo estabelecimento da Justiça e da igualdade de direitos e deveres entre os homens, lutando pela institucionalização da solidariedade e do companheirismo, do espírito de comunidade. Depois, Freud, abrindo caminho a uma série de estudiosos da mente, que vieram criar técnicas que vão fazendo possível ao ser humano realizar o ideal socrático do autoconhecimento, e conseguir por meio dele, livrar-se dos seus complexos inconscientes, buscando conquistar assim a chamada quarta liberdade. E seria injusto não falar aqui dos literatos, cineastas, teatrólogos, artistas plásticos, em

cujas obras tanto se aprende, talvez mais do que com os tratadistas, porque suas mensagens nos entram pela porta dos sentimentos, da vivência, e ficam fazendo parte do nosso ser.

REFLEXÃO — Quando o senhor se defronta com os elementos “Ciência-Religião-Filosofia”, como costuma relacioná-los ?

DR. ROBERTO — A Ciência, como sabemos, usando a observação e experimentação, estabelece conceitos e as leis dos fenômenos naturais, transformando em conhecimento verdadeiro as simples opiniões emanadas das necessidades emocionais (julgamento catatímico) e permitidas pela ignorância. Lida pois, com a Realidade indiscutível dos fenômenos. A Religião tenta explicar o inexplicado e o inexplicável pelas ciências, especialmente o problema da origem do Universo, de sua finalidade, bem como a destinação dos seres humanos, tudo atribuindo à vontade de seres superiores, às divindades. A Filosofia, penetra com a Razão no mesmo campo (metafísico) em que a Religião penetra com a Fé, além de que se preocupa em estabelecer os princípios fundamentais a serem seguidos para se chegar a um pensamento verdadeiro, e estuda tudo aquilo que os seres têm de mais geral: a existência, a essência, o Bem, o Mal, o Belo...

REFLEXÃO — Far-nos-ia o obséquio de explicar, ainda que resumidamente, a concepção de “natureza humana” que fundamentou as origens da teoria psicanalítica ?

DR. ROBERTO — É uma concepção do homem como ser biológico, apenas mais complexo que os outros, mas com as mesmas necessidades, as quais se resumem em obter prazer e evitar a dor e o desprazer. Isso o leva a destruir, ou a fugir dos estímulos externos, perturbadores de seu equilíbrio, bem como o fazer cessar os estímulos internos, por meio de atos instintivos. A estes atos, entretanto, (especialmente aos agressivos e eróticos) se opõe relativamente a Sociedade e do entrelaço entre ambos é que vai estruturar-se a Personalidade, modificando-se uma parte do ser primitivo (meramente biológico) chamado Id, para formar o Ego, que aparece como um intermediário entre ele e a Realidade; posteriormente há uma diferenciação no Ego, aparecendo a consciência moral, o Super-Ego, que impõe sanções aos instintos e representa a moral da cultura, introjetada, mantendo, o Ego, inconscientes, os impulsos que o Super-Ego condena. Posteriormente Freud

acrescentou à sua concepção da pessoa humana a atribuição, a ela, de um Instinto de Morte (Tanatos) que visaria à volta do orgânico ao inorgânico, em perene luta com o Instituto de Vida (Eros, ou ainda, o Instinto Sexual).

REFLEXÃO — O Doutor gostaria de dispor de Cursos de Extensão Universitária (para freqüentar) em alguns aspectos da Filosofia ? O que acha de um "grupo de reflexão", com reuniões sistemáticas, aberto a profissionais de todas as áreas ?

DR. ROBERTO — Sim, especialmente sobre Filosofia Existencial, uma linha de pensamento de muita importância, sobretudo para Psiquiatras e Psicólogos. Quanto ao "grupo de reflexão", a idéia é ótima, e os motivos creio estarem contidos na resposta à primeira pergunta.

PALAVRAS FINAIS

Os senhores leitores perceberam o critério e o carinho com que o Dr. Roberto Pinto de Moura trabalhou nossas perguntas. Por esta razão, aproveitamos estas linhas finais para registrar o agradecimento da equipe de REFLEXÃO e, assim, do Instituto de Filosofia e Teologia, a este ilustre profissional.